



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRCC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

26 de Abril de 2008 • Ano LXV • N.º 1673
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500786898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239

Frutos de excelência

As comemorações dos 120 anos do nascimento do Padre Américo, que o Caso do Gaiato de Setúbal promoveu no Centro Paroquial do Anunciada, foram, antes de tudo, uma bela ocasião de observar e apreciar o espírito de família que ali se respira, na meio de grande simplicidade e calor humano. Padre Júlia e seus Rapazes mostraram grande empenho e motivação. Não podemos deixar de o assinalar. Momentos houve de grande enlevo e valor artístico; de reflexão e partilha. Sublime foi o facto do envolvimento total dos Rapazes. Muito notório, enternecedor e interpelante.

D. José Alves, Arcebispo de Évora e que tutela, em nome da Conferência Episcopal, a Acção Socio-Caritativa da Igreja, abriu, logo de manhã, as comemorações com uma suculenta reflexão que publicamos na íntegra: «Pelos frutos se conhecem as árvores». Foi o mote de uma reflexão de referências elogiosas e justas ao método pedagógico do Padre Américo que classificou de actual «porque promove um desenvolvimento integrado da personalidade...»

Nas suas palavras transpareceu o discurso do mestre nas ciências da educação e no conhecimento da complexidade do funcionamento da alma humana, do Pastor apaixonado pelas ovelhas mais frágeis do rebanho de Cristo, do admirador do Padre Américo e da sua Obra.

Foi uma belíssima «nota de abertura» que os Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal e outros Amigos intervenientes, no decorrer das comemorações, «calorizaram» de forma poético, musical e testemunhal. Tudo muito simples e muito belo! «Frutos de excelência».

Mais tarde, a Prof. Doutor Ernesto Candeias, também especialista nas ciências da educação e grande estudioso da pedagogia do Padre Américo, voltou ao tema de forma aprofundada, como é seu timbre, cujo texto publicamos de forma resumida pela mão do seu autor.

A exposição patente no vasto átrio do Centro Paroquial do Anunciada, ajudou a fazer a ligação do evento ao longo do dia.

O senhor Bispo de Setúbal esteve sempre presente na pessoa do seu Vigário Geral. Ao fim da tarde, chegou para presidir à Celebração da Eucaristia, na qual incentivou a todos, de forma simples e directa, a rezar pelas vacações de que tanto a Obra da Rua carece e a pedir a graça da beatificação de Pai Américo.

Padre João



Pelos frutos se conhecem as árvores (120 anos do nascimento do Padre Américo)

É uma grande honra para mim poder estar hoje aqui, na abertura desta sessão de homenagem ao Padre Américo, sacerdote, pedagogo e pai dos pobres, que merece figurar na galeria da História e espero que um dia venha a figurar no elenco daqueles que são apresentados pela Igreja como modelo de vida cristã.

Quando o Padre João Rosa, actual Superior da Obra da Rua e sacerdote da Diocese de Portalegre-Castelo Branco, me convidou, aceitei de imediato e com alegria. Até porque, na qualidade de Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social, queria reafirmar o que a Conferência Episcopal Portuguesa deixou escrito, no centenário do nascimento do Padre Américo: «pelo que foi, pelo que fez e pela obra que realizou e perdura, em favor dos mais desprotegidos da nossa sociedade, foi um homem que deixou mais rico Portugal», fazendo do pobre «a sua razão de ser e de agir» e constituindo-o como seu tesouro e «sua riqueza». Legou-nos um riquíssimo património de assistência, de pedagogia social e de amor aos mais desprotegidos.

Nunca o conheci. Faleceu quando eu era ainda adolescente. Nos meus tempos de aluno do Seminário, comecei a contactar com O GAIATO. Nessa altura encantava-me e ainda hoje me encanto com a beleza literária dos seus escritos, tão repassados de simplicidade, de intuição, de frescura, de humanidade e de amor paterno, que tocam a profundidade do ser e cortam as amarras que aprisionam a bondade natural, concedida pelo Criador a todos os humanos.

Mas só mais tarde viria a compreender as razões que levaram o Padre Américo a fazer da Obra da Rua «o amparo da criança abandonada», dando sempre preferência «aos mais difíceis», para poder ser «através dos tempos uma palavra nova». E a minha compreensão desta realidade cresceu no contacto com a Casa do Gaiato de S. Antão do Tojal e pela leitura de algumas obras dedicadas ao assunto. E não há dúvida. O Padre Américo é uma figura singular que nos deslumbra. A forma tão simples e tão clara como exprime a sua fé no quotidiano da vida convence e encanta. Com efeito, só uma fé verdadeiramente evangélica pode levar alguém a responsabilizar-se por tantos gaiatos da rua sem nada possuir. Ele fê-lo porque estava convencido do poder da fé e da força do amor. Só neles punha a sua esperança, chegando mesmo proibir os seus colaboradores

A Relevância do Projecto Educativo na valorização Institucional e formativa das Casas do Gaiato

«Eu sou aquela voz que se levanta em Portugal a favor das imensas legiões de pequeninos que vagueiam abandonados pelas ruas e caminhos, sem família, sem amigos. Herdeiros forçados da miséria social. Fiadores da Humanidade. Património da Nação. Sou a voz que se levanta. Trago o ramo de oliveira, que não a bandeira negra das revoluções de sangue.»

[Padre Américo: Doutrina, 1.ª Vol. (2.ª ed.), pp. 58-59]

JULGAMOS que se impõe, nas comemorações dos 120 anos do nascimento do Padre Américo, e passados quase setenta anos da criação das Casas do Gaiato, analisar e valorizar o seu Projecto Educativo, que constitui o fermento da existência destas instituições e expressam o ideário educativo do fundador. A criação da Obra da Rua e das Casas e Lares do Gaiato inserem-se numa época histórica específica, mas que não deixa de ter uma valorização actual para muitas crianças e jovens em risco (re)fazerem o seu percurso educativo e de vida.

Já dissemos diversas vezes que estas instituições merecem pedagogicamente serem estudadas e incluídas ao nível da História da Educação e/ou da História das Ideias Pedagógicas em

Portugal e, em particular, da História da Assistência à Infância Abandonada e Inadaptada.

Todas as obras têm o cunho e o perfil do seu fundador e a Obra da Rua não foge à regra. Padre Américo como homem, como padre e como educador adquiriu consciência do seu 'agir' e das suas acções pelas experiências e vivências que teve com a realidade circundante, movendo-se no tempo dos acontecimentos, das conjunturas e das estruturas da sua época. Soube unir esses tempos no espaço do amor, da confiança e da esperança às crianças e aos pobres, aos marginalizados e abandonados, relacionando-se com eles numa 'filosofia ou pedagogia do encontro', materializada na prática quotidiana das Casas do Gaiato através da convivência comunitária, das relações pessoais e de amizade entre os gaiatos.

Justificámos várias vezes que ele foi um 'educador-orientador 'sui generis' na educação ministrada aos gaiatos no 'ambiente educativo' das Casas e Lares do Gaiato, que possibilita a recuperação moral e a construção do projecto de vida dos rapazes, mas também foi um 'educador social', pelas acções e

Continua na página 3

Continuo na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Durante este mês recebemos, apenas, a oferta de Lourdes, de Cacém, 30 euros:

«Como de costume, envio os habituais pósinhos para os mais pequenos.

Não sei como conseguem remar esse barco, pois a vida cada vez está pior. Só com a vossa força de vontade e com a Mão de Deus, conseguem milagres.

Que tenham muita saúde para continuarem com essa força. Bem-hajam.»

Temos, agora, mais de 10 pessoas. E, de facto, estamos com muitos problemas. Deus nos ajude.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

120 ANOS DE PAI AMÉRICO — A 5 de Abril, no Auditório do Centro Social Paroquial da Anunciada, em Setúbal, decorreu um Encontro evocativo dos 120 anos do nascimento de Pai Américo (23 de Outubro de 2007). Saímos às 6h30 (!) e da nossa Casa fomos 17 Rapazes, numa camioneta da Câmara. A comemoração foi aberta pelo Senhor Arcebispo de Évora, D. José, e estiveram presentes Padres da Obra da Rua, antigos gaiatos e Amigos. No átrio, venderam-se livros e esteve montada uma Exposição sobre a vida de Pai Américo e a Obra da Rua, e mostrados trabalhos de pintura e cerâmica. O programa foi bastante cheio, com conferências, testemunhos e animação, das várias Casas do Gaiato e do Calvário. A nossa Casa participou com dois cartazes, feitos pelo 1.º Ciclo, com a peça «O Barbeiro» e a apresentação de um manuscrito de Pai Américo sobre as Colónias de Férias (1935-1940) e a fundação da nossa Casa do Gaiato. Terminou este sarau com uma Eucaristia, presidida pelo Senhor Bispo de Setúbal, D. Gilberto, concelebrada pelos nossos Padres e pelo Padre João, do Seixal.

DESPORTO — O Torneio *Inter-Casas* continua a despertar interesse. No dia 12 de Abril, fomos, outra vez, até Setúbal. Conseguimos transporte a tempo de irmos almoçar com a Comunidade e fomos bem recebidos. Pelas 15h30, teve início o desafio, num terreno difícil. No final da primeira parte, estávamos a vencer por 2-0, com golos de Reinaldo e Paulo (Deco). Entretanto, a equipa de Setúbal empatou o jogo; e fizemos várias substituições. A nossa equipa reagiu à altura, marcando, o Gerso, mais 2 golos. O resultado foi justo e a arbitragem teve nota positiva. O encontro terminou com amizade, entre todos, e uma merenda em Família. No regresso parámos em Almeirim, para comer pão da Mealhada, que levámos, e rezámos o Terço, na viagem.

DESPORTO — Sempre ouvi dizer: «Mais vale um bom general, do que um grande exército». No passado dia 29 de Março, recebemos os Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, para mais um jogo/convívio do *Inter-Casas*. Chegaram à hora de começar o desafio de futebol...! Em relação ao jogo propriamente dito, tudo bem! Melhor dizendo: tudo mal. Começamos por sofrer o primeiro golo do encontro (...). Miranda fez o 0-2 (...). Paço de Sousa fez o 1-2 e o 2-2; Miranda abandonou o campo (...). Escusado será dizer que, por tal atitude, foi-lhes atribuída a derrota. Podiam ter pontuado em Paço de Sousa, mas faltou... faltou discernimento, bom senso e estofos no banco do visitante. No final do jogo, todos os Rapazes, de Paço de Sousa e de Miranda, se juntaram no nosso salão de festas, para a respectiva merenda/ajantarada. Tudo acabou bem. Houve, até, agradecimentos muito simpáticos... Nesta altura, a disputa era outra. E o árbitro... outra era!

VISITA DE ESTUDO DO 1.º CICLO — A energia eólica é uma boa aposta de Portugal, alternativa a energias não renováveis. Nas serras desta região, estão instaladas várias ventoinhas. A nossa Escola do 1.º Ciclo, a 30

de Março, deslocou-se ao Parque eólico de Vila Nova, para conhecer este tipo de energia do vento.

RAPAZ NOVO — Desde 8 de Outubro de 2006, quando veio o Belizário, que não recebíamos um Rapaz mais novo. Assim, no dia 10 de Abril, de tarde, chegou um Rapaz chamado Daniel Luís, com 10 anos, nascido a 21 de Agosto de 1997, oriundo de Torres Vedras. Foi para a casa-mãe, ao cuidado próximo da senhora D. Nazaré, e passou a frequentar o 4.º ano, na nossa Escola do 1.º Ciclo. Alguns pequenos ficaram com ciúmes, é sportinguista e esperamos que se adapte bem.

VISITANTES — A 6 de Abril, o Grupo de Jovens de S. Silvestre veio passar algum tempo desse Domingo connosco. Os responsáveis foram o Professor Jorge Cardoso e o João Pedro, Seminarista Maior, que deu testemunho, no início da Semana de oração pelas Vocações. Animaram, com um belo coro, a Eucaristia Dominical, às 10h00; e seguiu-se um disputado jogo de futebol, misto. Trouxeram vários bens, de uma campanha efectuada na Comunidade, e um bom almoço, que partilharam. Foi uma visita bem organizada e muito agradável.

A 11 de Abril, de manhã, os alunos do 4.º ano B, da EBI de S. Martinho do Bispo, foram ao nosso Lar do Gaiato, na Travessa Padre Américo, em Coimbra. Depois da visita, nós oferecemos leite creme. Obrigado pelas lembranças.

A 15 de Abril, os alunos de Educação Moral e Religiosa Católica, do 5.º ano, da Escola EB 2,3 de Santa Iria, Tomar, fizeram uma visita à nossa Casa, onde jogaram futebol. Agradecemos as ofertas que deixaram. Seguiram para Coimbra (Igreja de Santa Cruz e Portugal dos Pequenitos).

BATATA — A chuva adiou a sementeira da batata. A senhora D. Mabilía veio ajudar a cortar a batata de semente. Os campos próximos da rotunda Padre Américo foram estrumados e adubados para receber este tubérculo. Esperamos que elas cresçam bem, para termos uma boa colheita.

BENS ALIMENTARES — Para nos sentarmos à mesa, todos os dias, precisamos de trabalhar e contar com os nossos Amigos. Assim, agradecemos ofertas, de várias localidades, como de Amigos de Lever, para mercearia, e de Santa Maria da Feira, «No nascimento do meu neto João, para ajudar outros Joões». Muito gratos ficamos com as laranjas que vieram da Lentisqueira e de Vila Seca, e com os *kivis*, de S. Martinho do Campo, perto do local onde Pai Américo teve o acidente, em Julho de 1956.

Alunos do Alternativo

PAÇO DE SOUSA

INDISCIPLINA — A culpa será apenas dos alunos?

Ainda transtornado pela bagunça que escandaliza o nosso País por todo o sítio onde ele é comentado o indigno nacional, o denominado caso da aluna que agrediu a professora.

Ora sendo eu estudante e habituado a estas e outras situações bem mais graves, cabe-me perguntar se a culpa será apenas dos Alunos. É claro que esta pergunta daria imen-

tas respostas, das mais variadas ordens de ideias. Na minha opinião, a culpa da indisciplina é, claramente, da geração anterior que não soube transmitir ideias, valores, ou normas de conduta/comportamento.

Vivemos aprisionados numa cultura de facilidades, onde tudo é permitido. Este caso é, e será apenas, a ponta dum longo iceberg.

Em suma, continuo a perguntar se a culpa é mesmo dos Alunos, ou de quem nos «despeja» na Escola?

Hugo Cruz

DESPORTO — Sempre ouvi dizer: «Mais vale um bom general, do que um grande exército».

No passado dia 29 de Março, recebemos os Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, para mais um jogo/convívio do *Inter-Casas*.

Chegaram à hora de começar o desafio de futebol...!

Em relação ao jogo propriamente dito, tudo bem! Melhor dizendo: tudo mal. Começamos por sofrer o primeiro golo do encontro (...).

Miranda fez o 0-2 (...). Paço de Sousa fez o 1-2 e o 2-2; Miranda abandonou o campo (...).

Escusado será dizer que, por tal atitude, foi-lhes atribuída a derrota. Podiam ter pontuado em Paço de Sousa, mas faltou... faltou discernimento, bom senso e estofos no banco do visitante.

No final do jogo, todos os Rapazes, de Paço de Sousa e de Miranda, se juntaram no nosso salão de festas, para a respectiva merenda/ajantarada. Tudo acabou bem. Houve, até, agradecimentos muito simpáticos... Nesta altura, a disputa era outra. E o árbitro... outra era!

Classificação:

	J	V	D	E	G/S	G/M	P
P. Sousa	2	1	0	1	4	4	4
Miranda	2	1	1	0	2	6	3
Setúbal	2	0	1	1	6	2	1

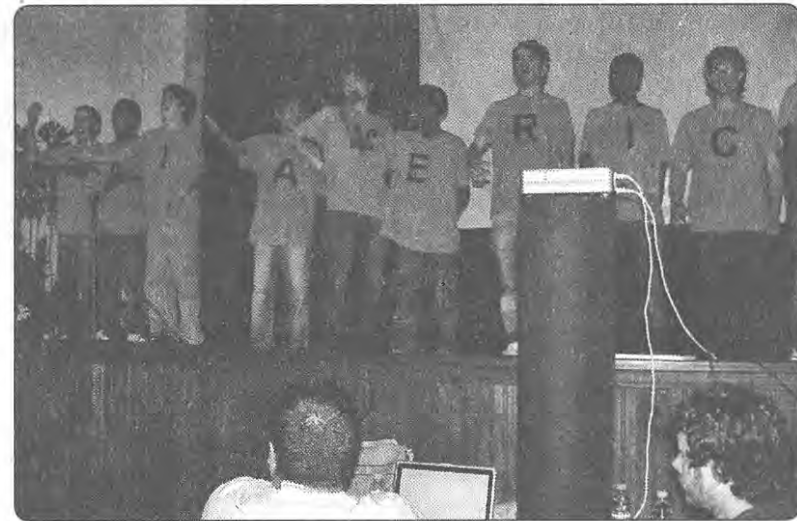
Alberto («Resende»)

SETÚBAL

PAI AMÉRICO — 5 de Abril deste ano, foi data em que se ornou a enorme festa que todos nós, do Gaiato, fizemos para homenagear e apresentar a todos os cidadãos interessados da cidade de Setúbal e não só, a vida, a Obra, e a importância de Pai Américo para o mundo. A evocação iniciou-se às 9 horas e 30 minutos da manhã com a abertura do Senhor Arcebispo de Évora, D. José Alves e o nosso Padre João.

Depois falou o nosso Padre Carlos sobre a vida de Pai Américo, da sua espiritualidade e como sacerdote da Igreja.

A Festa prolongou-se com momentos de lazer em que os nossos Rapazes, muito inspirados, deram o que de melhor continham, para todo o seu público aplaudir com enorme entusiasmo. Foi tudo muito brilhante numa manhã em que parecia que o céu estava apagado. Seguiram-se apresentações em projecção de várias pessoas amigas a recordar e dar a conhecer a vida quotidiana de cada Casa existente em Portugal e qual a sua importância. Depois para momento de reflexão, um CD apresentado por Minal Jardim, hoje residente em Toronto, no Canadá, com uma faixa musical que, de quase



certeza minha, deixou os espectadores rendidos com o seu trabalho. Pelo menos a mim, deixou.

Em seguida, alguns testemunhos de pessoas que conheceram Pai Américo ou que tiveram «aventuras» com ele. Testemunhos que nos deram a conhecer as suas palavras amigas ou as suas brincadeiras que ajudaram o público a descontrair. Depois, um breve intervalo para dar também a possibilidade das pessoas tomarem um cafezinho, trocar impressões do que viram ou até darem opiniões, aproveitando para deixarem cair os seus artistas em elogios. Viu-se na parte do átrio lindos trabalhos expostos por artistas plásticos nossos Amigos, e até mesmo bonitas esculturas em barro executadas pelo grupo de trabalho da nossa Casa. Tivemos também a oportunidade de observar vários pensamentos do nosso Pai Américo, quadros dedicados ao próprio e até dar uma olhadela a testemunhos escritos em livros.

Não ficamos para esquecer as nossas outras Casas que completam a Obra, em África. Mais uma vez os nossos Rapazes as não desiludiram, e mostraram o seu talento numa dança africana dedicada ao tema.

No final da sessão matinal, o almoço.

A tarde não foi tudo muito diferente da manhã. Testemunhos, outras tantas projecções e conferências. O Professor Ernesto Candeias que nos falou da pedagogia de Pai Américo, e dos testemunhos destacou o Padre Manuel Mendes que admirei imenso, embora os outros também. Os Rapazes de Miranda do Corvo também deram um ar da sua graça, encenando «o barbeiro».

Já ao final da tarde, o senhor Bispo de Setúbal, Dom Gilberto dos Reis, juntou-se a nós para presidir à Celebração da Eucaristia, onde o nosso coro participou.

Foi um dia lindo e muito entusiasmante, mas também cansativo. Não é qualquer pessoa que abdica de um dia de descanso, depois do trabalho de toda a semana, para estar connosco, ou melhor, com o Pai Américo. Nós todos somos o Pai Américo porque somos nós, Rapazes, que continuamos a dar vida a esta Obra da Rua.

Agradecemos a vinda de todos, e que sejam felizes por viverem no nosso coração.

Obrigado...

Daniilo Rodrigues

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com prazer que damos testemunho do trabalho que

fazemos e a que tentamos dar o nosso melhor.

É gratificante sabermos que os nossos Amigos continuam a ser fiéis aos nossos apelos, porque assim conseguimos, durante estes anos, manter a ajuda que assumimos com os Pobres que temos a nosso encargo.

Uma das nossas preocupações são os mais velhos e as crianças. E, neste momento, é a Escola que implica mais gastos em material escolar; estamos atentos para que as nossas crianças não deixem de frequentar, até porque já nos foram enviados donativos que irão ajudar para esse efeito.

Temos outro caso de uma das senhoras a precisar de fraldas. Como sabem, estão muito caras e, infelizmente, este artigo, quer se ganhe muito ou pouco, o preço é igual para todos, já não falando nos medicamentos; mas como é habitual contamos sempre com os nossos benfeitores.

Todos sabemos que o amor ao próximo, é um sinal do amor cristão. Nas leituras dos textos do Evangelho analisamos, com muita simplicidade e realidade, quanto de amor ao próximo nos falam.

Numa dessas leituras, o Senhor diz-nos: «Todas as vezes que levares o amor a um irmão mais necessitado, é a Mim que o fazes». Estas palavras são, para nós Vicentinos, uma fonte de entusiasmo, para continuarmos com a nossa missão de visitar o Pobre.

Esta presença do Vicentino ao Pobre, tem de ser sempre uma palavra de amor ao próximo, porque só assim se consegue uma forte amizade entre ambos, muito mais se parece com laços familiares.

O Vicentino não pode, nem deve, projectar os seus problemas ou a sua má disposição no irmão. Temos de estar preparados para entender a sua grande sensibilidade na abordagem dos seus problemas e tentar ajudar, ainda que, por vezes, nos custe muito; mas só assim sendo, se consegue um bom relacionamento.

DONATIVOS — Anónimo, cinquenta euros; assinante 11282, idem: Amiga M.C.E., um cheque; Maria Luísa, 50 euros; Isolina Almeida, 30 euros; M. Pereira, cheque para a ajuda na compra de livros; anónima, de 86 anos, 50 euros; Maria Emília, vale de 10 euros; Elisa Ferraz, um cheque; César Neves, 50 euros; Olímpia, cheque; Amiga, de Fiães; Maria Anjos, 30 euros; assinante 64183, vale de 25 euros.

A todos os nossos Amigos, em nome dos nossos irmãos carenciados, bem-haja.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Pelos frutos se conhecem as árvores (120 anos do nascimento do Padre Américo)

Continuação da página 1

de «aceitar heranças por testamento». E deixou escrita a explicação de semelhante atitude: não é certo «que tendo mais podem fazer melhor». E, por outro lado, quis livrá-los da tentação de serem «administradores dos bens», em detrimento do bem do Rapaz.

Confiava sem reservas na Providência divina. E confiava também no potencial humano de bondade e de auto-afirmação que existe em todos os seres humanos e, evidentemente, em cada gaiato. E sabia que esse potencial se manifesta sempre que estejam criadas as condições apropriadas. Nesse ponto de vista, está próximo do pedagogo Garcia Hoz. Este autor defende que em cada ser humano existe um conjunto de potencialidades que, se forem desenvolvidas, podem elevá-lo até o nível da excelência. Essa é a finalidade da educação. O Padre Américo estava convencido da excelência que existia em cada gaiato e por isso afirmou: «não há rapazes maus».

Ter convicções é importante. Mas não basta. É preciso transformá-las em actos. Nesse processo de transformação se revela o génio pedagógico do Padre Américo. Ele acreditou que era possível transformar os gaiatos em cidadãos excelentes. E conseguiu-o. Como? Partindo de dois pilares fundamentais do relacionamento humano: a confiança e o amor. A partir daí, desenvolveu o seu método pedagógico baseado no auto-governo, na liberdade, na espontaneidade, na responsabilidade e na transcendência. Não se trata apenas de um método teórico. Ele pode ser desenvolvido a partir do modelo natural que é a família. Nas Casas do Gaiato tal como na família, cada um tem o seu lugar, pode sentir-se livre e aceite incondicionalmente, descobre que é responsável, assume e desempenha o seu papel, torna-se capaz de sonhar e construir o seu futuro. É este o clima onde se cultiva a excelência individual.

Com razão podemos dizer que o método do Padre Américo é actual e que as suas obras de bem-fazer continuam a ser necessárias. O método é actual porque promove um desenvolvimento integrado da personalidade. Infelizmente, embora no nosso tempo haja mais

conhecimentos científicos e abundem as teorias psico-pedagógicas, a educação continua em crise. Em muitas das nossas escolas existe um *déficit de humanidade*. A sociedade precisa de seres humanos equilibrados e não de *robots*, que armazenem milhões de informações na memória. Para que tal aconteça, a escola não pode estar dominada por um ambiente de violência nem ser palco de lutas laborais e políticas. Precisa de ser antes uma comunidade baseada nos valores familiares da autoridade, da fraternidade, da responsabilidade e do amor.

A Obra da Rua continua a ser necessária, porque numa sociedade de maior riqueza, como a nossa, paradoxalmente, cresce o número de pobres e aumenta a distância entre os ricos e os pobres. E, como é lógico, «a solução não está apenas nas leis, na denúncia verbal, nem na elaboração cada vez mais cuidada e científica do diagnóstico social e das causas dos problemas». Tudo isso de pouco serve se faltar o compromisso pessoal e institucional, que promovam a transformação social, no sentido de maior equilíbrio, mais estabilidade e inclusão.

A família sempre foi e continua a ser o fundamento da estabilidade social e o ambiente ideal para o desenvolvimento harmonioso das crianças. Quando a família não cumpre a nobre missão de ser a forja do amor e a âncora da auto-confiança, a sociedade degrada-se e os filhos transformam-se em propriedade que se partilha, se disputa, se abandona ou se esquece. Infelizmente esta mentalidade tem vindo a desenvolver-se. É por isso que a Obra da Rua continua a ser necessária, porque ela é uma família para os gaiatos da rua. E uma boa família. Tão boa que todos quantos nela viveram a recordam com saudade, a estimam fortemente, a visitam com ternura e gratidão. Os que nela se formaram são o seu melhor cartão de visita, porque, no nosso país, nenhuma instituição de reinserção social pode comparar-se, em taxa de sucesso, com a Obra da Rua. Se, como diz o Evangelho, é pelos frutos que se conhecem as árvores, podemos afirmar com segurança que a Obra da Rua é uma árvore boa e merece ser cuidada para que continue a produzir frutos de excelência.

Setúbal, 5 de Abril de 2008.

† José, Arcebispo de Évora

A Relevância do Projecto Educativo na valorização Institucional e formativa das Casas do Gaiato

Continuação da página 1

intervenções, em prol dos seres humanos necessitados, através de um serviço social voluntário de concepção assistencial caritativa e socioeducativa (pedagogia social). Foi um padre e um 'homem' impregnado de uma espiritualidade activa, ao estilo franciscano ou de S. Vicente de Paulo, de S. João Bosco e de muitos outros educadores. Daí ter sido designado por Emílio Planchard de 'S. João Bosco Português' ou em termos de execução pedagógica como o 'Pestalozzi português' pelo amor e dedicação aos rapazes, pois sempre acreditou nas suas capacidades reais, no seguimento do que afirmou o Padre Flanagan que não havia rapazes maus: "Não há garoto nenhum, absolutamente nenhum, que queira ser mau; maus são quasi sempre os métodos de educar" (Pe Américo: 'Obra da Rua'. Correio de Coimbra, Ano XIX, n.º 953, 7 de Dezembro, 1947, p. 3). A mal-

dade surgia do 'mau' ou inadequado ambiente que rodeava o rapaz e dos métodos utilizados pelos pais e educadores.

Como experiência pedagógica as Casas e os Lares do Gaiato são uma modalidade de pedagogia natural, activa e comunitária, de pedagogia situacional e colaborativa (contextos específicos e interculturais), onde se destaca o tríplice pedagógico do 'amor', da 'família' e do 'trabalho'. Daí que no Projecto Educativo das Casas são determinantes: os factores educativos pessoais, promotores da mudança pessoal e social dos gaiatos, o sistema de autogoverno em família, o exercício da liberdade e o sentido da responsabilidade; os factores estruturativos que integram as tarefas ou trabalho comunitário em grupo, a educação pelos valores geradora da confiança, da autonomia e da amizade, a educação intelectual (ensino) e moral e a aprendizagem em oficinas e/ou no campo; e o papel do ambiente envolvente (ambiente

físico-natural, educativo, cultural, comunitário e social) catalizador da educabilidade, da auto-actividade e auto-aprendizagem dos rapazes.

A eficácia formativa destas instituições, em termos da experiência pedagógica institucional, está associada a um conjunto de elementos educativos determinantes como seja o exercício da liberdade, o sentido de responsabilidade pessoal, o amor, a confiança, o papel do maioral e dos chefes ('filosofia de comando'), o poder de iniciativa e autonomia e a caridade fraterna guiada na prática pela moralidade e trabalho, que são os sustentáculos dessa pedagogia comunitária. O espírito do Padre Américo está presente no Projecto Educativo e em todos os espaços educativos das Casas através do princípio pedagógico de 'Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes', pois são eles os motores da vida e da evolução da Obra, tal como ele afirmou 'A Obra da Rua só começa quando eu morrer'.

PENSAMENTO

Nós andamos todos muito enganados com isso de ser apóstolo. Liga-se imediatamente a palavras às alturas. Vem logo a alma com todas as suas potências, tão altas e transcendentes que não falta quem fuja delas. Ora o dar de comer a quem tem fome também é porta de grande apostolado no mundo. Porta fácil e eficaz. Porta que não afugenta.

PAI AMÉRICO

Reflectindo

O pensamento de uma Obra deles, para eles, por eles, não foi invenção de Pai Américo. Foi, sim, no Projecto divino da Salvação, que ele o achou: Salvação para todos os homens, querida por Deus e posta ao alcance deles, mas a realizar por eles, que assim, tomando parte no Mérito, se enriquecem de méritos e A fazem deles. Dada a universalidade do Projecto, Deus *precisou* do Seu Filho feito Homem. Fê-IO «Caminho» e «Pastor» que vai à frente, «guiando os homens por sendas direitas» «para a Casa do Senhor» onde «habitarão para todo o sempre». Por isso, a Liturgia repete sempre, a terminar o núcleo central da celebração Eucarística, o canto de louvor e acção de graças que sintetiza o itinerário da Salvação: «Por Cristo, com Cristo, em Cristo».

Cristo cumpriu a Missão do Pai. Agora é tempo dos homens cumprirem a sua. Se não haveria Salvação sem Cristo, também ela não será consumada sem os homens. É tal o pensar do nosso Bispo quando nos diz em sua homilia do Domingo de Ramos que «Deus está patente na humanidade de Cristo; e sabemos o que é dissolver-se o mundo velho quando o 'homem novo' recria a terra e as estruturas dela, sociais e políticas, culturais e cívicas; sabemos o que é sair dos túmulos do egoísmo, da opressão e de todas as mortes. E sabemos também que as nossas cidades estão à espera de que muitos ressuscitados em Cristo — todos os baptizados o começam a ser! — as preencham da vida nova, solidária e pacificadora». (...) «Realismo novo este que só o Espírito evidencia de Cristo para nós. Novo e *novíssimo* — quer dizer, final — porque não é espontâneo nem meramente natural. Muito pelo contrário, alcança-se apenas por graça e conversão, ou seja por acção divina humanamente acolhida (...) não como privilégio dos cristãos, mas como encargo para o testemunharem a todos».

«Os novos Céus e a nova Terra» de que nos fala a Escritura exprimem a vontade de Deus; mas é ao Homem, ao «homem novo»; que é confiada a recriação da Terra e das suas estruturas.

No diálogo no Pretório e o Evangelho de S. João nos dá a conhecer, Jesus responde a Pilatos: «Tu dizes que Eu sou rei. Nasci para isso e para isso vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo o que procede da Verdade, ouve a minha voz». Este é o «homem novo», de consciência nova, capaz executor do mundo novo. Foi para o formar e constituir tal que Jesus nasceu e veio deixar-nos como modelo e fermento o Reino de Seu Pai: «Reino de Verdade e de Vida, de Santidade e de Graça — Reino de Justiça, de Amor e de Paz». Não veio para reinar aqui Ele-mesmo, senão para imprimir um dinamismo novo, *alma* da «nova Terra» em aproximação progressiva do Reino de Deus.

Tampouco deixou sugestão definida para a forma de corporizar as instituições do mundo, na condição de todas terem e servirem o Homem como o primado dos seus objectivos — tal como Deus.

O que desta predilecção divina se poderá concluir, tendo em vista o insucesso de todas as *...arquias* e *...cracias* que têm dominado os homens ao longo da História, é que a forma de os governar, qualquer que seja o nome e a ideia, esteja verdadeiramente impregnada do espírito de que «reinar é servir» e caiba na nomenclatura maior de *antropocracia*, respeitando o carácter de «princípio», de *arquia*, que é da natureza do Homem e por isso direito e dever de cada homem.

Padre Carlos

Na verdade, a Obra da Rua é um organismo vivo que 'dá e recebe', que educa e comunica e forma. E esta finalidade está bem expressa no seu símbolo, de um garoto de braços abertos, sorridente a pedir amor. À luz desse amor é fácil entendermos a admiração incontida que saía espontaneamente dos lábios do seu fundador 'Fui eu quem fez isto?!' Ele foi o instrumento dócil, inteligente e consciente impellido para ser o seu realizador. Mas a Obra, também, é um santuário de histórias de vida. Poderá ter algo de ultrapassado e muito de antecipado ou inovador nos tempos actuais em termos sociopedagógicos.

Mas como dizia o P.e Américo "(...) a lógica da Obra está fora e acima das tuas lógicas" [P.e Américo: 'Obra da Rua', Correio de Coimbra, Ano XX, n.º 1012, 7 de Fevereiro, 1942, p. 4] já que os valores morais e humanos não são simples momentos temporais dialécticos no interior das pessoas, são uma ordem tranquilizadora nas vidas e nas almas humanas e não uma ordem imposta. E, assim, procedeu o fundador e actuam os padres da rua, lutando contra as injustiças e as incompreensões, e levando uma mensagem de esperança aos desafortunados e abandonados.

Prof. Doutor Ernesto Candeias Martins

BENGUELA

A nossa Casa está na linha da frente

PAREI a olhar a fila de crianças que desciam do bairro de Nossa Senhora da Graça, pelo caminho que leva à nossa escola. Há outras entradas doutros bairros, também. A nossa Casa do Gaiato está na linha da frente, mesmo na fronteira, para servir os filhos mais pobres. Assim, vamos ao encontro do inal na própria raiz da planta. Quanto nos alegra ver estas crianças a subir de classe, de mãos bem

agarradas às nossas, como os filhos que estão dentro. Doutra modo, ficariam no chão. A Casa do Gaiato quer ser o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas, cuidando das mais débeis com todo o carinho, tentando levá-las ao colo como faz o Mestre. É a influência da parábola do Bom Pastor que marca a liturgia desta quarta semana da Páscoa.

Os mais pequeninos, acompanhados pelos irmãozitos mais velhos, lá vão a

caminho do Infantário, verdadeira bênção com que Deus fecundou este lugar; e os bebés, bem amarrados às costas das mães, seguem o mesmo caminho. É o serviço à vida que consome as nossas vidas. A escola, entretanto, fica à espera de todos, enquanto as salas, bem cheias, estão a preparar os mais crescidos para a vida. É um sector que consome grande parte das nossas energias.

Enquanto escrevo estas Notas, meus olhos poisam numa notícia que me chega por e-mail: «Escrevo-vos pelo seguinte: Tenho em armazém enormes quantidades de material de papelaria, que não tem escoamento e do qual me desejo ver livre. Infelizmente serão precisos muitos anos para dar escoamento a isto tudo, tendo em conta que somos de modas, etc.» Diz que tem uma quantidade enorme de material escolar e vê-se na obrigação de se despojar dele de qualquer maneira.

Que fazer? Estamos tão longe e precisamos tanto desse material! Como fazer para chegar até nós? Só de contentor, claro.

Vou tentar, junto das empresas que estão a trabalhar aqui, perto da nossa Casa, se nos ajudam a transportar o material nos seus contentores. Sim, um dos problemas que afectam grande parte das crianças em idade escolar é a falta de material, porque as famílias são muito pobres e não têm possibilidades. Por isso, há todo o interesse em salvar essa riqueza em risco de se perder. Se alguém, entretanto, tiver à mão

uma saída para este problema, peço nos ajude.

Fecho esta Nota com chave de ouro: No sábado passado, dia 12 de Abril, 19 dos nossos filhos receberam o sacramento da Confirmação, numa das paróquias vizinhas, das mãos do Senhor Bispo. Todos são adultos e escreveram os seus pedidos de forma muito consciente. Algumas cartas eram lindas, de verdade. Que o Pai do Céu faça frutificar neles os Dons do Espírito que foram derramados em seus corações. Para bem deles e de toda a nossa família!

Padre Manuel António

SETÚBAL

A plena realização das suas vidas

SÓ há verdadeiro progresso social humano, regressando à Família de Nazaré. Jesus, Maria e José, são o perfeito modelo da Família humana.

Pai Américo chamou-nos a atenção para este paradigma, para o seguirmos como ele o seguiu. Ele, outro José, Pai adoptivo de uma grande multidão de filhos, entre os quais nos contamos.

Um Pai é um dom. Dom que nos é favorável, porque vive para se dar em nosso favor.

A nossa Obra continua a viver em redor dele; sinal da sua verdadeira paternidade. Pois que, passado mais de meio século de sua ausência física no seio da Obra, a sua paternidade continua a realizar-se com toda a pujança, gerando imensa quantidade de frutos.

Tal como em Jesus o Povo via o filho do carpinteiro, mesmo depois do desaparecimento de José do seu olhar, em nós o Povo vê os filhos de Pai Américo, passados que estão todos estes anos do seu desaparecimento. A semelhança está na mesma ordem espiritual que lhe dá origem.

O pai que assume, por inteiro, a sua missão e responsabilidade no seio de sua família, é a referência e o factor mais importante da unidade familiar. Ainda que o pai

venha a desaparecer da vista, continuará a desempenhar a mesma missão e, se calhar, com força redobrada.

Sentimos isto mesmo em relação a Pai Américo. A isto se referiam, por certo, as suas palavras quando disse: «A minha obra começa quando eu morrer». Elas são a expressão do que deixou feito e do que faria no futuro, influenciando a Providência d'Aquele que lhe deu parte na Sua Paternidade. Por esta razão lhe podemos chamar Pai, sendo um só o nosso Pai.

Regressar a Nazaré é um imperativo na vida de todos os dias. Se não o fizéssemos, rapidamente perderíamos o sal que tempera a nossa vida e a conserva sempre rejuvenescida. A força espiritual e a luz, que a Família de Nazaré emite, são os factores vitais da persistência e discernimento necessários para vencer as constantes provações com que quotidianamente nos debatemos.

Tão importante que é este regresso para se poder progredir! Particularmente nos dias de hoje, em que a Família está reduzida a um ínfimo valor: na sua estruturação e crescimento, quando existe, e na importância da sua constituição pelo homem e pela mulher, para que encontrem a plena realização das suas vidas.

Padre Júlio

CALVÁRIO

Rosas

AS roseiras enrolaram-se aos esteios da ramada e os cachos de rosas encarnadas deliciam a quem por ali passa. Uma prenda da natureza!

Temos pela quinta muitas e de variadas cores. O perfume delas anda no ar.

Esta anda pelo seu pé, sempre a sorrir. Dá, por vezes, gargalhadas estridentes. Veio dos arredores do Porto e pegou. Já não quer voltar para lá. É meiga e todos a estimam. É diligente e não nega os seus préstimos a quem deles precisa.

Quase se não dá pela sua presença, porque discreta. Mas não. Está sempre pronta para ajudar. Põe as mesas. Não sabe contar os pratos, as colheres, os garfos. Mas a Carmo conta e ela coloca os talheres nos seus lugares.

Desconhece as horas, mas alguém lhas dá e ela vai pela refeição dos doentes acamados que não se deslocam ao refeitório.

A mãe sumiu-se. O pai, longe desta, aparece esporadicamente.

Quando lhe falo em regressar aos seus, desata a chorar. Que não. A recordação que tem daqueles não lhe agrada mesmo nada.

As feridas mais profundas são aquelas que sangram no interior de cada um, provocadas pelo abandono, pelo desprezo, pela ausência dos entes mais próximos.

O nosso viver em família é remédio que as cura. Nesta família singular, criam-se laços bem apertados que são segurança e alento para a vida nova que levam. Nela os mais fracos têm até um lugar especial — longe de serem estorvo, pois fortalecem a união dos mais válidos a quem suplicam ajuda, que aqueles são capazes de lhes dar.

Os nossos doentes não passam os dias nas salas de estar, fazendo destas lugares de dormitório de gente sem presente nem futuro. Aqui todos se sentem úteis e por isso mesmo se consideram realizados.

Porque temos camas vazias gostaria de as encher com quem ainda aprecia os dias que tem pela frente para neles saborear a existência do ser que somos nós.

Aqui as rosas não murcham, sorriem.

Padre Baptista

Património dos Pobres

VOU começar esta quinzena, com a inscrição de uma carta, recebida em Paço de Sousa e me foi entregue em mão.

Parece-me que publicá-la, com os erros e falta de pontuação originais, lhe dá mais eloquência.

«Venho expor o meu triste caso eu estou viúva há 18 anos eu tenho 59 anos de idade ainda tenho um filho comigo e uma neta ainda estudo um estuda no liceu outro na primária anda na quarta classe.

Eu venho pedir ajuda Ex. Sr. Director eu comecei uma casinha com 3 quartos uma casa de banho uma sala uma cozinha aonde tive que acabar com ela não tive quem me ajudasse tive que me dirigir ao milénio para a cabar com a minha casinha chovia por todo lado eu comecei com a minha casa em 1991 com ajudas de gente boa das Caritas do Património dos Pobres do Padre Américo eu ainda não consegui a cabala agora resolvi-me pedir ajuda ao Senhor Director eu vivo com grandes fculdades eu não tenho dinheiro quase para comer eu já estou arrependida em ter pedido o dinheiro mas eu não podia viver assim quando chovia ficava tudo malsado nas camas tinha que por plástico mas assim ficava

malsado quando aparece algum dia de trabalho eu vou porque eu recebo do meu marido uma sube vivência de 130 euros por mês e meu filho arrecebe 40 euros da sube vivência do pai e o abono 30 eus e a minha neta também mal dá para comer tenho que pagar um empréstimo todos os meses 150,98 euros eu pesso-lhe ajuda ao Senhor Director por favor me ajude em alguma coisa (...) eu fico há sua espera de resposta eu até lhe mando uma declaração para lhe dizer o que é verdade (...) eu já tenho a minha casa pronta por dentro e por fora por um lado sinto-me muito feliz e por outro vejo-me muito amargurada (...) não se esqueça de mim.»

A esta apresentação não podia responder por escrito. Impunha-se uma visita.

Era muito longe, mas Deus que tudo prevê, pôs-me nas mãos um carro bom para servir os Pobres.

Pelo caminho satisfiz ainda um compromisso, há meses assumido, de aparecer a uma senhora, solteira, a viver com a mãe octogenária, cuja casa, há cinco anos, havia ajudado a resgatar e a quem deixei, agora, mil euros para a pintura. É uma pessoa pobre, muito arranjadinha, trabalhadeira e de bom

gosto. Apreciar o seu jardim e o seu quintal, encheu-me de satisfação.

Chegados à terra da signatária, procurámos o Pároco. — Só lá ia ao Domingo, celebrar Missa. A Conferência Vicentina tinha acabado. Meu Deus, se não há sacerdote, que não falte ao menos o profeta!... O povo fica completamente desamparado!... Não basta a liturgia, é indispensável o exercício da caridade.

A senhora estava acompanhada da nora que amamentava uma bebé de cinco meses e dum filho adulto, a que não se refere na carta, pai desta criança.

A casa correspondia à descrição feita, com as divisões um pouco acanhadas e muito desconfortável. O tempo estava frio. Notava-se a ausência de qualquer isolamento térmico, para além das paredes de tijolo simples.

Após a observação da moradia, manifestei a minha estranheza de encontrar, àquela hora, o filho em casa. — Não há trabalho.

— Ora esta! Se não há no campo, há na cidade, se não ganhamos mais, ganhamos menos. Um homem trabalhador sujeita-se a tudo, até arranjar melhor. Parado é que não pode estar.

— Disse isto com algum calor, referindo o sacrifício de tanta gente que nos ajuda.

Dentro de mim levava o desejo de lhe saldar toda a dívida, depois... achei que não. Paguei metade: 3.150 euros.

O caso do paraplégico e das suas despesas mexeu o coração de alguns amigos cuja presença vou registar:

Amigas de Castelo Branco quinhentos euros. A pedir uma oração pela saúde do marido, de Lisboa, cem. Continuamos a ter-Vos presentes no altar do Senhor.

Maria de Lourdes manda um abraço e deseja uma Páscoa de Consolações com 50 euros. O mesmo de Ourentã e de Santo Estêvão. Da Rua Ramalho Ortigão, de Lisboa, 125 euros. Coimbra, o assinante 39549 incita-me: «Peço a Deus que vos dê coragem (...) Deus é a Vida de toda a humanidade...», 500 euros. Voltamos a Castelo Branco, a dizer que pouco gasta consigo e, assim, «resolvi aumentar um pouco a mensalidade que me propus enviar-lhe», 50 euros.

De Bucelas: «Esse é o caminho da Obra da Rua», cem euros. Um Padre do Seminário de Alcains com viva fraternidade, 250 euros. Do Casal do Brás, cem.

Da Corujeira de S. Martinho do Bispo, 500 euros. O assinante 1435, 400 euros.

Mais, Coimbra com cem a desejar Santa Páscoa! Dez, da Graziela, de

Lisboa. «Uma Velha Admiradora da Obra do Padre Américo.

Apesar de todas as torpes mentiras e injustiças de que tem sido alvo — não será destruída porque o Senhor Jesus está com ela», cem euros.

Alfredo, da Amadora, transfere três parcelas em cem, para o Património, Calvário e Casa do Gaiato. Brejos de Azeitão: «A rubrica Património dos Pobres muito me tocou, junto um cheque de cem euros». Uma recém-convertida em Cristo, 150 euros. Assinante 4395, cem euros. MLL, 500 euros.

Com uma sugestão atrevida a dizer que na Igreja Pobre, o excedente do necessário, é para repartir pelos Pobres e não para acumular riqueza. O alvitre é de tal maneira evangélico que não me atrevo a publicá-lo nem a fazê-lo.

A pedir orações pela filha, de Beja, «e a confiar na misericórdia do Pai do Céu», 50 euros. Assinante 22890, 50 euros e: «eu sou uma apaixonada por esta Obra e tenho pena que o meu dinheiro não tenha o tamanho do meu coração. Mas Deus dá-me tanto em troca!» Assinante 78772, 250 euros para a magnífica Obra.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.º Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio